

## Redes sociais e mobilidade espacial entre os Ye'kuana no Brasil

*Elaine Moreira*<sup>1</sup>

### *Introdução*

**N**este artigo, trataremos de temas ligados à mobilidade dos Ye'kuana entre suas aldeias, todas localizadas em região de floresta e a cidade, assim como o acesso aos recursos e oportunidades que as novas políticas públicas trouxeram nos últimos anos para esta população. Os Ye'kuana – também conhecido na literatura brasileira como Maiongong – são um povo de língua caribe, com uma população no Brasil em torno de 460 pessoas,<sup>2</sup> divididas em três<sup>3</sup> aldeias às margens dos rios Auaris e Uraricoera, ao noroeste do estado de Roraima, na fronteira com a Venezuela. A maioria desta etnia vive em território venezuelano, onde sua população alcança mais de 4.800 pes-

- 
- 1 Antropóloga, doutoranda em antropologia social e etnologia na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Ehess), Paris, professora Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Atualmente trabalha no Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: enzoelaine@osite.com.br .
  - 2 Os dados demográficos registrados pela Funasa ou por A. Ramos (*Hierarquia e simbiose. Relações intertribais no Brasil*, São Paulo, Hucitec/INL-MEC, 1980; idem, *Memórias Sanumá. Espaço e Tempo em uma Sociedade Yanomami*, São Paulo/Brasília, Marco Zero/EdUnB, 1990; ibidem, “A profecia de um boato: Matando por ouro na área Yanomami”, *Anuário Antropológico*, n. 95, Brasília, UnB, 1996) em seus trabalhos sobre a relação interétnicas entre os Sanumá e os Ye'kuana, são: 1968, menos de 80; 1974, 100; 1988, 150 (dados de A. Ramos); 1997, 297; 2000, 324 (dados do Distrito Sanitário Yanomami (DSY) - Funasa)).
  - 3 Atualmente os Ye'kuana de Auaris passam por um rearranjo de sua comunidade, em consequência de vários suicídios entre os seus jovens e a morte de seu líder ocorrida em 2008. Está em curso uma mudança no local da aldeia, com transposição do rio, assim como o deslocamentos de algumas famílias para outras localidades.

soas.<sup>4</sup> Segundo as lideranças de Auaris, os Ye'kuana frequentavam a região muito antes de decidirem construir suas casas e se fixarem na região: era uma zona de caça e de passagem para o rio Uraricoera, depois o rio Branco, e assim chegarem à capital de Roraima.

Na região de Auaris vivem os Ye'kuana e os Sanumá (Yanomami), cada um destes dois povos possui sua rede social entre diferentes comunidades nos dois lados da fronteira. Estas redes sociais ganharam, nos últimos anos, um novo recurso, os serviços de saúde, muito mais estruturados que aquele que os missionários asseguravam desde sua chegada, nos anos 1960. As diferenças de políticas públicas entre os dois países são mais evidente nas áreas de fronteiras, e assistimos hoje à procura dos serviços de saúde especialmente pelas comunidades mais próximas, em relação de parentesco, com aquelas que se encontram do lado brasileiro, sejam elas Sanumá ou Ye'kuana.

No Brasil, o território foi demarcado nos anos 1990, como Terra Indígena Yanomami.<sup>5</sup> As três comunidades Ye'kuana estão incluída na área. A região de Auaris é uma área de difícil acesso, devido às correntezas e quedas d'água, com uma distância de cerca de 450km da capital de Roraima, o que equivale a mais de duas horas de vôo monomotor. Os Ye'kuana, assim como os Sanumá, tiveram como primeira assistência à saúde o trabalho de missionários da Missão Evangélica da Amazônia (Meva). Nos anos 1980, uma base militar também foi construída, compondo, mais tarde, o Projeto Calha Norte.<sup>6</sup> Nenhuma organização não-governamental (ONG), nem mesmo a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) ou Fundação Nacional do Índio (Funai), conseguiram manter uma presença permanente naquela região antes dos anos 1990, quando estas instituições se estabeleceram verdadeiramente na região.

A intensificação da relação dos Ye'kuana com a capital de Roraima seguiu o ritmo do crescimento da cidade. As primeiras famílias que se instalaram em Auaris e, mais tarde, nos anos 1980, em Waikás, procuraram nas fazendas do

---

4 Cf. A. Jimenes Rodriguez & A. Sarmiento, "Usos de la fauna por comunidades Ye'kwana de la cuenca de rio Caura, Guyana Venezuelana", texto apresentado no *workshop Critical issues in the conservation and sustainable and equitable use of wildlife in the Guiana Shield*, Iwokrama International Centre for Rain Forest Conservation and Development, Georgetown, Guyana, dez 2000.

5 A área demarcada como Terra Indígena Yanomami é de 90.0000km<sup>2</sup>, entre os estados de Roraima e do Amazonas. Sua população no Brasil seria de 11.700 pessoas segundo dados do Instituto Socioambiental (ISA).

6 Sobre o Projeto Calha Norte, cf. B. Albert, "Développement et sécurité nationale: Les Yanomami face au projet Calha Norte", *Ethnies*, n.11-12, 1990.

FIGURA 1  
LOCALIZAÇÃO DAS COMUNIDADES YE'KUANA DO BRASIL  
EM TERRA INDÍGENA YANOMAMI



Fonte: elaboração da autora sobre mapa de M. Tonioka (2001).

rio Uraricoera sua principal fonte de troca, e a capital do estado tornou-se o centro das operações, principalmente com o *boom* do garimpo e o aumento dos serviços prestados à saúde indígena.

Nos anos 1980, vinte anos após a chegada da Meva em Auaris, chegava uma nova missionária para atuar no setor da educação entre os Ye'kuana, uma antiga reivindicação de suas lideranças junto à Meva.<sup>7</sup> Neste mesmo período, alguns dos jovens Ye'kuana já estavam em Boa Vista, nas casas dos “conhecidos”, cursavam o primeiro e segundo grau nas escolas públicas da capital, e até mesmo na escola de Surumu, tendo esta um regime de internato e organizado por missionários católicos.

7 Sobre a relação dos Ye'kuana e a religião dos missionários, cf. outro trabalho de nossa autoria: “Entre corpo e alma a não conversão dos Ye'kuana no Brasil”, in R. Wright (org), *Transformando os Deuses II*, Campinas, Editora Unicamp, 2004.

Neste artigo, discutiremos um pouco os percursos traçados por eles para poderem usufruir de outros benefícios e ingressar no mercado de trabalho assalariado para as populações indígenas em Roraima, em projetos com financiamentos de agências externas.

### *Os Ye'kuana no cenário das organizações indígenas*

Desde os nossos primeiros contatos com os Ye'kuana (1997), chamou-nos a atenção sua pouca participação ou relação com as organizações de representação indígenas, bem como com as ONGs presentes no território Yanomami. Nossas entrevistas com os representantes das organizações de representação indígenas – o Conselho Indígena de Roraima (CIR), a Associação dos Povos Indígenas de Roraima (Apir), a Sociedade para Desenvolvimento Comunitário e Qualidade Ambiental dos Taurepang, Wapichana e Macuxi (TWM),<sup>8</sup> bem como a Funai e o Departamento de Assuntos Indígenas (DAI), este último vinculado à administração do governo do estado de Roraima – confirmaram que os Ye'kuana não teriam nenhuma ou quase nenhuma relação ou participação juntos a estas organizações. Os espaços institucionais que foram criados prevendo a participação de representantes indígenas – como é o caso do Núcleo Interinstitucional de Saúde Indígena (Nisi) – tampouco contam com a sua participação.

Os Ye'kuana também não participaram do processo de demarcação de suas terras no Brasil. A Igreja Católica, que mantém um trabalho junto aos Yanomami desde os anos 1960, assim como Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY),<sup>9</sup> tiveram um papel importante na pressão política que culminou com a demarcação da Terra Indígena Yanomami, no início dos anos 1990.<sup>10</sup> Os Ye'kuana, diferentemente de algumas lideranças Yanomami e de outros grupos indígenas do Brasil, não passaram por um processo de reivindicação pela

---

8 Além destas foram criadas outras três: a Associação dos Povos Indígenas dos rios Quinô e Cotingo (Arikon), a Sociedade de Defesa dos Índios do Norte de Roraima (Sodiur) e a Aliança de Integração e Desenvolvimento das Comunidades Indígenas de Roraima (Alidcir).

9 A CCPY, após a demarcação do território Yanomami, passou a ser chamada de Comissão Pró-Yanomami, dando sequência ao seu trabalho na área de saúde em três zonas. Há alguns anos atua também com um projeto de educação nestas zonas, respectivamente: Tototobi, Balalau e Demini.

10 Para uma problematização sobre a demarcação desta área em relação ao Projeto Calha Norte e os discursos de proteção da natureza, cf. B. Albert "Développement et sécurité nationale: Les Yanomami face au projet Calha Norte", op. cit.

posse e defesa de suas terras. Isto não significa que eles não se apropriaram deste espaço físico e simbólico. É importante ter presente o processo de disputa pelo território vivenciado por este grupo. Conforme Alcida Ramos:

Alguns capítulos da história Maiongong relembram o horror que Taussig (1997) desfia sem trégua no coração das trevas amazônicas. Ainda se pode ouvir dos homens maduros narrativas que eles por sua vez ouviram de seus antepassados sobre o aprisionamento de aldeias inteiras para o trabalho escravo, as longas filas de Maiongong acorrentados levados para os seringais, histórias dos tempos em que as indústrias extrativistas eram montadas nas costas de índios escravizados. Os Maiongong perderam uma boa parte de sua população, aprenderam português e ou espanhol, adquiriram espingardas e recuperaram seu orgulho como grandes construtores de casas e de canoas e como grandes comerciantes. Quando os Sanumá apareceram, as terras Maiongong estavam semivazias em consequências de epidemias e escravização...<sup>11</sup>

O povo Ye'kuana é o único grupo não Yanomami vivendo nesta Terra Indígena (TI). A novidade aqui é que o processo de demarcação da TI colocou os Yanomami como interlocutores privilegiados com o exterior, sejam com ONGs ou órgãos governamentais. Se, oficialmente, a presença dos Ye'kuana fora assinalada no momento da demarcação da terra Yanomami, pouco se falou deles desde então. O seu isolamento político, entre outras coisas, contribuiu para um caminho livre com relação ao garimpo nos anos 1980, dificultando possíveis pressões externas das organizações indígenas ou órgãos governamentais. Pois não havia canais institucionalizados entre suas lideranças e aquelas organizações. Os Ye'kuana investiram parte do que ganharam com o garimpo justamente nesta autonomia, mantendo, assim, um certo isolamento no cenário político das organizações indígenas de Roraima. Como veremos adiante, esta relação de distância com outras organizações indígenas ainda é uma realidade. Hoje, a organização dos Yanomami procura criar canais de interlocução para o combate a invasão garimpeira na TTY, retomaremos este ponto.

Sua posição marginal muda completamente junto aos órgãos que ofereceram nos últimos anos uma profissionalização para alguns de seus membros, sejam eles microscopistas ou professores indígenas. Foi o caso com a ONG francesa Médicos do Mundo (MDM), a Médicos Sem Fronteiras (MSF), a Funasa e ainda a Divisão de Educação Indígena da Secretaria Estadual de Educação (DEI). Apenas recentemente, os professores Ye'kuana aproxima-

---

11 A. R. Ramos, "A profecia de um boato: Matando por ouro na área Yanomami", op. cit., pp. 132-133.

ram-se da Organização dos Professores Indígenas de Roraima (Opir), principalmente quando iniciaram-se as discussões para a formação superior de professores indígenas.

Para os Ye'kuana, a década de 1980 foi um período de grande envolvimento com o garimpo. Alguns dos “conhecidos” dos Ye'kuana tornaram-se, como muitos em Roraima, empresários do garimpo. Trabalharam como guias ou diretamente na extração de ouro. O principal centro de garimpo onde atuaram diretamente foi na região de Waikás, rio Uraricoera. Porém, após o aprendizado das técnicas do garimpo – imersão, uso do mercúrio, bomba hidráulica e outros –, preferiram adquirir seus equipamentos e trabalharem por conta própria. A técnica empregada era a mesma, predatória, mas a ética era outra. Entre eles, os Ye'kuana sentiam-se seguros, protegidos das relações existentes entre os garimpeiros “brancos”, que se matavam entre si, horrorizando os Ye'kuana com o desprezo pelos corpos dos mortos. Apesar de todo este choque cultural, a situação não impediu que fizessem amigos no garimpo. Algumas famílias que se deslocaram até Waikás guardam em Auaris fotos de seus amigos e desta “viagem” que fizeram entre os “brancos”. Esta experiência é, sem dúvida, um marco na história recente deste povo. Se, de um lado, enriqueceram, investiram na compra de casas em Boa Vista, máquinas para ralar mandioca ou ainda equiparam suas canoas com motor de popa, de outro, passaram a ser conhecidos como “índios do garimpo”, “aculturados” para alguns, “predadores do meio ambiente” para outros.

Nesta passagem recente de uma aproximação junto às organizações indígenas, é curioso notar uma certa “redescoberta dos Ye'kuana”. Os professores indígenas em Roraima conhecem bem uma realidade onde dilemas como a perda da língua materna ou religiosa são colocados como perdas por diversas etnias e, muitas vezes, a escola indígena coloca para si o desafio de reverter tal situação. Os Ye'kuana que não perderam sua língua materna não se converteram as religiões dos “brancos”. São mesmo citados como exemplo de “resistência cultural” nos espaços de discussão sobre educação indígena. Podemos assistir então a uma inversão, em alguns contextos, da imagem dos Ye'kuana: se, para alguns, não seriam tão exemplares na “preservação da natureza”, para outros seriam exemplares na “preservação da sua cultura”.

Atualmente, o controle da TI Yanomami é maior e, legitimamente, as lideranças Yanomami, em suas passagens por Boa Vista, denunciam a invasão de garimpeiros em suas terras. Alguns afirmam também que os Ye'kuana continuariam levando garimpeiros para a área Yanomami, e acrescentam que a terra não seria deles e, por esta razão, não se importariam com a sua destruição. É claro que os Ye'kuana não se reconhecem neste discurso. A Funai con-

firma algumas denúncias e, internamente, a relação com os garimpeiros não é um consenso entre as lideranças Ye'kuana. Contudo, estas lideranças parecem preocupadas muito mais pela insegurança e violência trazidas pela ação de garimpeiros em suas terras e vulnerabilidade de seus estudantes em Boa Vista que com o discurso da “preservação da natureza”.

### *Tecendo suas redes...*

As viagens que seus líderes realizavam em canoas rio abaixo, até a capital de Roraima, são mesmo muito anteriores a estes últimos cinquenta anos. As incursões pelos rios até as fazendas do rio Uraricoera e Boa Vista, fizeram deles uma referência como construtores de canoa.<sup>12</sup> Periodicamente excursionavam pelos rios chegando às fazendas onde eram contratados. Os trabalhos variavam: construção de canoas, de pistas, construção de benfeitorias, de pontes, aberturas picadas para plantio, entre outros. Em Boa Vista, vinham para comprar roupas, sal, munição, panelas, miçangas e outros bens industrializados.

A posição geográfica dos Ye'kuana foi um dos fatores que limitou o trânsito intenso entre aquela comunidade e o mundo dos “brancos”. A distância parece ter servido como um “filtro” para este contato temido e desejável. O fato de serem de “outro lugar” parece ter dado aos Ye'kuana certas vantagens. Em primeiro lugar, não eram do “leste”, “não reivindicavam terras”, eram da floresta, um lugar distante, e estavam “de passagem”, portanto mais distantes dos conflitos fundiários entre índios e fazendeiros. Depois, apresentavam-se como técnicos especializados na construção de canoas, trabalho apreciado por indígenas e “brancos”. Isto não significa que nas fazendas a relação não fosse de desigualdade ou opressão. Os velhos contam que, muitas vezes, eram mal pagos ou ficavam sem ter para onde ir, quando os fazendeiros os despediam. Isto, porém, não impediu os Ye'kuana de ocuparem um lugar diferenciado na relação com os fazendeiros. Desempenhavam, quando lhes convinha, o papel do “bom índio”. Nas palavras de alguns “brancos”, eram diferentes dos outros, eram “índios sérios e trabalhadores”.

Nestas incursões, os participantes eram homens e, na maioria, adultos. Este foi o outro “filtro” do contato. As experiências eram feitas pelos homens e discutidas entre eles, várias reuniões eram feitas entre uma viagem e outra,

---

12 Este trabalho até hoje é solicitado por ONGs, Funai, Funasa, missionários católicos e evangélicos, que atuam em áreas indígenas, é um trabalho especializado, os mestres são os homens mais velhos, só no ano de 2001, construíram mais 15 canoas para aquelas organizações.

assim puderam construir, aos poucos, uma triagem entre as “boas fazendas”, “os bons empregadores” e os demais. O contato com outras etnias,<sup>13</sup> a leste do estado de Roraima, também informava os Ye’kuana sobre inúmeras oportunidades e experiências que não tinham chegado até Auaris. Entre elas a religião, a escola e a politização das organizações indígenas. Embora tendo relações com outros grupos, especialmente de comércio, os Ye’kuana não participavam das mobilizações ou organizações políticas formais. Mantinham-se à distância do processo de politização.

É de se destacar que, por meio de sua mobilidade, os bens industrializados eram adquiridos diretamente por eles,<sup>14</sup> fugindo das transações com intermediários que fazem parte de um sistema gerador de dependência e exploração.<sup>15</sup> Os trabalhos remunerados nas áreas da saúde, da educação e, podemos incluir, o serviço militar,<sup>16</sup> não os separaram de sua comunidade. Ao contrário, o salário permite o acesso a determinados bens, seja na floresta como na cidade, por exemplo: painéis solares; motores de popa e combustível; roupas, fuzis e munições; material para pesca, ou ainda de celulares para os períodos na capital. Estas experiências de comunicação, viagens e de mobilidade socioespacial permitiram aos Ye’kuana conhecerem outras experiências muito diversas daquelas vivenciadas em sua própria etnia, tanto no Brasil como na Venezuela. Com esta abertura para o exterior, eles construíram várias redes de “aliados” fora de suas comunidades locais.

Nos anos 1970, o contato com a capital já era regular. Mas foi nos anos 1980 que alguns filhos destes viajadores Ye’kuana vieram para cidade, não apenas para trabalharem mas para aprenderem o português. Assim, estes jovens passaram a conviver com famílias da e na cidade. Esta rede de relações foi mantida como relações privadas e não eram estendidas a todos. Desta forma, os filhos daqueles

---

13 Na troca com outras etnias (Macuxi, Wapishana, Ingariko, Taurepang e, no sul do estado, os Wai-Wai) eles se tornaram conhecidos por uma outra especialidade, esta feminina: os ralos para mandioca também muito apreciado pelos povos Caribe em Roraima.

14 O trabalho de construção de canoas também foi solicitado por missionários. Algumas vezes o trabalho era pago em mercadorias, mas eles sabiam que não se tratava de “exploradores”, dizem que eram bem pagos pelos missionários.

15 Cf. C. Geffray, *Chroniques de la servitude en Amazonie brésilienne*, Paris, Khartala, 1995.

16 Em Auaris, no Pelotão de Fronteira do Projeto Calha Norte, dois Ye’kuana ingressaram no serviço militar e seguem a carreira como soldados. Além do salário, eles contam com um seguro de saúde e, é claro, são favorecidos nas trocas com as famílias dos militares não índios do pelotão.



viajadores passavam a viver com as famílias da rede de contatos de seus pais na capital. No início, trabalharam como intérpretes, outros diretamente como microscopistas, seguindo a evolução e as oportunidades que a assistência à saúde indígena oferecia nas décadas 1980 e 1990. Seguindo a trajetória dos primeiros microscopistas Ye'kuana, vemos que a procura para uma formação profissional na área de saúde foi a oportunidade para aqueles que já estavam cursando o ensino fundamental nas escolas públicas de Boa Vista. Os primeiros fizeram o curso de formação técnica com os MSF que atuava na região leste de Roraima. Depois de realizarem o teste feito pelo Ministério da Saúde, através da Funasa, os dois primeiros microscopistas Ye'kuana foram contratados pela ONG francesa MDM<sup>17</sup> e, mais tarde, pela própria Funasa.

A trajetória destes primeiros assalariados incentiva, até hoje, diversos estudantes Ye'kuana a concluir seus estudos. Hoje, apenas cinco estudantes vivem na capital procurando concluir o segundo grau, nas escolas públicas de Boa Vista. Aquela trajetória dos primeiros estudantes parece não poder se repetir para esta nova geração, uma vez que o mercado de trabalho ligado aos serviços públicos prestados pelo estado – educação e saúde – está saturado, ou passando por mudanças na implantação de novas políticas públicas, como é o caso da saúde indígena, a qual trataremos com mais detalhes a seguir.

Queremos destacar, todavia, que não há um movimento de migração desta população para a cidade. Os casos isolados de alguns moradores na região de Boa Vista está muito mais relacionado a uma solução encontrada para conflitos internos do que a uma procura por novas oportunidades na cidade. Aqueles que, na idade adulta, passaram a viver em Boa Vista guardam forte relação com seus familiares, com os rituais e resguardos tradicionais. Nota-se também que elementos essenciais de sua alimentação estão presentes no cotidiano, especialmente o beju, a farinha e a pimenta. Plantas mágicas, especialmente as de proteção, costumam não faltar nestas casas, em geral conservadas em suas pequenas cabaças.

O espaço urbano também tem sido usado na resolução de conflitos ou momentos onde a separação física com um de seus moradores se faz necessário, o que pode acontecer por ocasião de certos rituais, ou ainda nas tensões entre indivíduos ou casais.

Na verdade, a distância geográfica nunca foi para eles um impedimento absoluto, ao contrário, serviu como “filtro”, “triagem” para suas alianças e

---

17 Os Ye'kuana trabalharam na região de Homoxi, Parafuri, Ericó e Auaris, mais tarde dois deles foram contratados pela ONG francesa MDM e atuaram na região de Paapiu.

investimentos. Se, de um lado, eles permaneceram fora do cenário das organizações indígenas, da politização da questão indígena no estado, por outro, não perderam as oportunidades de novos trabalhos remunerados, ou seja, nunca ficaram fora do mercado de trabalho para as populações indígenas. A exceção, por enquanto, fica para os cargos da administração pública, uma vez que tal compromisso significaria um engajamento mais político e a permanência na cidade. Até o momento, a escolha Ye'kuana é a de combinar os espaços – a floresta e a cidade – garantindo o seu constante retorno à vida na aldeia.

Suas redes de contatos na capital são bastante diversificadas. Alguns são profissionais da secretaria de educação, tiveram uma atuação junto ao curso de magistério indígena, acolheram estudantes em sua casa durante o período escolar na cidade; outros são velhos amigos, cujos contatos foram passados de pais para filhos e, ao longo desses anos, estabeleceram diferentes tipos de relações com os Ye'kuana, ora relações pessoais e de troca de serviços na cidade, ora relações mais coletivas com trabalhos realizados em florestas. Foi o caso, por exemplo, de alguns empresários de garimpo, que seriam, na verdade, antigos contatos dos Ye'kuana na capital e que ingressaram na atividade de garimpo, passando a contratá-los como guias ou trabalhadores diretos na extração de minérios na floresta. Além, é claro, das pessoas ligadas aos missionários da Meva, com a diferença que este contato poderia ser acessível a todos na comunidade. Na prática, as relações na comunidade também seguem a rota das relações pessoais, tendo alguns um acesso mais próximo com os missionários. Isto, porém, não parece ser novidade para os Ye'kuana, pois assim também foram construídas outras redes de contatos.

A escolha pela educação de seus filhos, ou os cursos da Funasa para futuros microscopistas, já fazia parte de uma escolha que investia na autonomia e na participação em novas oportunidades de trabalho remunerado. Se com os recursos do garimpo eles puderam se equipar com bens, até então raros ou inexistentes, especialmente a casa em Boa Vista, a escolha por manter uma autonomia em relação ao mundo dos brancos é anterior ao período do garimpo. Acreditamos que ela se construiu justamente durante as experiências externas às suas comunidades na busca de bens e informações. Como temos tentado mostrar até aqui, esta autonomia buscou apoio especialmente nas redes de “aliados” no exterior de suas comunidades e na capacitação de seus membros para ingressarem ao novo mercado de trabalho que se abria em terras indígenas no estado de Roraima.<sup>18</sup>

---

18 Na análise de A. Ramos (“A profecia de um boato: Matando por ouro na área Yanomami”, *op. cit.*), os ganhos provenientes do garimpo teriam dado a “oportunidade” aos Ye'kuana

Hoje o número de assalariados Ye'kuana é bastante regular, estável mesmo, são quatro microscopistas, sete professores, um agente indígena de saúde e, até recentemente, nove soldados. Contudo, estes não foram os primeiros assalariados entre eles. Sempre procuraram participar das oportunidades que se abriam em suas terras e fora delas, como foi o caso de três trabalhadores na região do Tepequem nos anos 1970. A diferença em relação à situação atual não é apenas numérica. Hoje é possível obter uma estabilidade nestes trabalhos e manter uma proximidade com suas aldeias, sem falar do respaldo que algumas destas profissões ganharam internamente. Outra diferença importante é que essas oportunidades estão relacionadas com a implementação de políticas públicas na área de educação e saúde, bem como em relação à carreira militar. Houve portanto mudanças significativas quanto ao acesso ao mercado formal de trabalho.

As redes de apoio foram – e continuam sendo – decisivas neste processo de busca de alternativas econômicas e de novas experiências com o mundo exterior. Seus contatos são renovados a cada passagem pela capital, demonstrando que sua distância geográfica não impede as relações estáveis fora da aldeia. Os profissionais assalariados Ye'kuana participam ativamente da vida social e econômica, não apenas contribuindo financeiramente para as suas obrigações com seus sogros e a comunidade, mas também diretamente nos trabalhos comunitários, como a construção de casas ou a abertura de novas roças.

### *As novas profissões*

Após o trabalho de mais de quatro anos junto à Funasa, nos anos 1990, os primeiros microscopista foram, em 1999, recontratados pela ONG Urihi-Saúde Yanomami, a mais importante prestadora de serviço em área Yanomami no estado de Roraima. Mesmo dando continuidade ao trabalho profissional já iniciado, a ONG adequou seus estatutos às exigências administrativas da Funasa para a prestação de serviços. Hoje, com a Urihi, os técnicos Ye'kuana passaram a gozar dos benefícios da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), com carteira assinada, Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e outros direitos. Este reconhecimento profissional e benefícios sociais lhes são devidos pois são profissionais com formação e experiência.<sup>19</sup>

---

de se liberarem da dependência dos “brancos”. Acredito que trata-se de um processo em curso, ou seja, já estava há muito tempo nas aspirações Ye'kuana. Neste caso, os ganhos deu-lhes “meios” mais eficazes para isto.

19 Outra característica menos acentuada mas que aparece nos discursos é a descaracterização dessas pessoas como indígena: “já são como nós”.

Os novos microscopistas indígenas<sup>20</sup> não se enquadram na categoria profissional de agentes de saúde, cumprem as exigências contratuais e a aprovação nos concursos de admissão da Funasa. Os agentes de saúde são indicados por suas comunidades e recebem ajuda de custo por prestarem serviços comunitários na área da saúde. Várias são as diferenças que caracterizam cada uma das funções, porém os microscopistas Ye'kuana obtiveram um estatuto profissional ao qual dificilmente outros poderão ascender,<sup>21</sup> a não ser que trabalhem em outras áreas distantes de seus parentes. Estas oportunidades dificilmente permanecerão, a tendência é uma concorrência acentuada com outros profissionais, indígenas ou não.

A segunda profissão remunerada é a de professor indígena. Existem doze professores contratados pela Secretaria Estadual de Educação, dez trabalhando na escola Estadual Ye'kuana em Auaris e dois em Waikás. A formação destes profissionais deu-se com o apoio da comunidade com a infraestrutura de Boa Vista, especialmente a casa de apoio Ye'kuana. Em 1991, com a formação e a contratação do primeiro professor Ye'kuana, eles fundaram a Escola Estadual em Auaris. Todo o processo de criação e de formalização da escola Ye'kuana<sup>22</sup> foi assessorada pela Meva, particularmente pela missionária e professora que, até o ano de 2000, era a diretora da escola.<sup>23</sup> O programa do

- 
- 20 Chamamos a atenção para este ponto: as ONG – incluindo a Urihi-Saúde Yanomami, que já não atua na região – implementaram um processo de educação de saúde visando formar um número cada vez maior de indígenas para o trabalho como agente de saúde e microscopistas em suas comunidades. Recebiam em troca uma “ajuda de custo” – um agente de saúde recebe, hoje, cerca de R\$ 280, enquanto um microscopista não indígena tem um salário de R\$ 1.500. A política de formação de agente indígena de saúde tem sido considerada um avanço importante de políticas públicas.
- 21 Neste novo contrato, eles também gozam de um novo regime de carga horária, dividindo o tempo entre a floresta e a cidade. Todos os funcionários contam com o transporte garantido nos períodos de folga que, em tese, seriam transcorridos fora da floresta. O que mais uma vez veio ao encontro com o modelo de mobilidade socioespacial dos Ye'kuana, outro ponto de prestígio para os funcionários da saúde.
- 22 Em Auaris, eles contam hoje com uma escola estadual com mais de 100 alunos que oferece o curso fundamental até a sexta série, com vistas a chegar até a oitava série em breve, além de um curso supletivo. Vários alunos de Waikás estão em Auaris para continuarem seus estudos, evitando assim uma estadia mais prolongada em Boa Vista. Existe uma importante troca de correspondências entre os Ye'kuana em língua materna. A escrita, de certa forma, combinou bem com as familiarizadas “viagens”, ou seja, com a mobilidade deste povo.
- 23 Esta missionária trabalhou junto aos Ye'kuana durante 17 anos. Atualmente assessora os Wai-Wai na formalização de suas escolas e na formação dos professores.

Magistério Parcelado Indígena<sup>24</sup> que habilitou os alunos Ye'kuana, fora resultado de um processo de reivindicações que envolveu principalmente as populações indígenas do leste<sup>25</sup> do estado.

Entre 2003 e 2004, os sete professores ingressaram no curso universitário de licenciatura para professores indígenas na UFRR. Todos os professores Ye'kuana habilitados pelo magistério indígena foram igualmente aprovados no concurso público promovido pelo governo do Estado. Hoje, são funcionários concursados, incentivam a educação infantil em suas aldeias, o que gera uma demanda por mais professores. Diante de um ritmo cotidiano ainda muito tradicional nas aldeias, muitos pais hesitam em colocar seus filhos na idade de quatro anos na escola, como aconselha a política de educação. A escola, por sua vez, cria seus atrativos – como uniformes, calçados, merenda escolar e claro, o novo estatuto social de “aluno” –, com o qual tentam conciliar o ritmo e os valores tradicionais. Em 2005, a Secretaria de Educação do Estado abriu mais vagas para a contratação de professores indígenas, mesmo não se tratando de concurso para emprego com estabilidade, foram aprovados dois professores para o ensino fundamental e cinco para a alfabetização infantil.

Além destas duas possibilidades, os Ye'kuana de Auaris ainda contam com uma terceira opção: a de se engajarem como soldados junto a base do Projeto Calha Norte, ali localizada. Até o ano de 2001 eram dois soldados, em 2002 este número aumentou para sete e em 2003 para nove. Todos já tinham concluído ou estavam cursando o ensino médio em Boa Vista, porém decidiram voltar para Auaris como soldados e assalariados.

Os soldados Ye'kuana possuem um conhecimento do território diferenciado, o que é certamente valorizado tanto para as viagens por terra como pelos rios. É igualmente valorizado o seu conhecimento do uso potencial dos recursos naturais, além dos conhecimentos linguístico. Os soldados Ye'kuana também apresentam uma escolaridade mais alta do que a média dos jovens que estão prestando o serviço militar ou engajados como soldados. Eles também

---

24 O Programa do Magistério Indígena foi criado em 1994, tendo recebido em 1998 o Prêmio Paulo Freire da Fundação Roberto Marinho. Porém já em 1986 havia sido criado o Núcleo de Educação Indígena (NEI), ligado à Secretaria de Educação do Estado, mais tarde transformado no Departamento de Educação Indígena (DEI) e finalmente na Coordenação de Educação Indígena (CEI), todos vinculados à Secretaria de Educação. A Opir foi fundada em 1990.

25 No estado de Roraima, os Yanomami e os Ye'kuana estão nas florestas; na região leste do estado, onde predomina as savanas, vivem os povos Macuxi, Wapixana, Taurepang, Ingaricó e, mais ao sul, os Wai-Wai e os Waimiri-Atroari.

oferecem uma opção de lazer para este público, pois frequentemente são procurados pelos soldados para promoverem jogos de futebol nos finais de semana. Apesar da comunicação verbal ser limitada, os Ye'kuana possuem uniformes, campo de futebol, e conhecimento sobre as regras do jogo, constituindo-se em parceiros preferenciais para este tipo de atividade.

Todo trabalho remunerado é valorizado, embora a profissão de professor seja a que conta com maior prestígio e respaldo das lideranças tradicionais. Seu exercício está diretamente vinculado ao cotidiano das atividades comunitárias. Devido à importância conferida à escola, vários arranjos no tempo social e nos papéis tradicionais vêm sendo negociados ao longo desta experiência. Não é apenas o estatuto do funcionário público dos professores que mudou neste período. O estatuto de aluna para as jovens em períodos de resguardo também faz parte deste processo. Assim como a solicitação de uma intervenção por parte dos professores em discussões e resoluções de conflitos entre os alunos. E note-se: não apenas no espaço físico da escola, como ainda no espaço das relações entre pais e filhos. O conselho de pais e mestres é chamado a discutir não apenas a relação entre alunos e professores, mas entre alunos, filhos, pais e mestres. Esta discussão sobre comportamento, ou moral, dos alunos foi valorizada pelos missionários e as lideranças Ye'kuana, mesmo se nem sempre os valores fossem os mesmos.

É importante destacar que a escola nunca foi para os Ye'kuana um espaço externo à comunidade. Certamente o concurso público entra como fator externo ainda não avaliado entre eles, já que até o momento não há conflitos entre professores e lideranças tradicionais. Porém, o concurso oferece, de um lado, mais segurança para os professores, do outro, introduz um limite ao controle social das aldeias sobre seus professores.

### *Novas redes*

No interior de suas comunidades existe uma organização interna ainda bastante respeitada, pela qual as lideranças tradicionais são sempre consultadas para as decisões coletivas. Porém, muitos dos novos jargões como “projetos”, “processos de consulta”, “desenvolvimento sustentável” são de difícil tradução. Os chefes, mesmo tendo muita experiência com o exterior, não dominam os discursos dos “projetos”, dos “financiamentos”, das “agências” e das “ONGs”. O exterior conhecido por eles ainda é a rede de contatos dos aliados na cidade, uma rede privada. Os bens adquiridos eram assim mais socializados que a própria rede de contatos. Hoje, a rede de projetos precisa do “aval”, do “acordo” da comunidade, sem o quê os “bens” não chegam para serem socializados.

O exemplo dos Ye'kuana mostrou como a mobilidade socioespacial é um elemento importante na compreensão dos modelos e das alternativas que algumas etnias buscam de forma bastante autônoma. Como antigos viajantes entre a floresta e outros espaços sociais, eles indicam como a articulação de espaços diferentes, dentro e fora de seu território, cria uma dinâmica que pode favorecer um sistema de relações sociais na criação e manutenção de redes de apoio, de trocas econômicas, de informação e de projetos. Entender as características próprias e emergentes de tais dinâmicas é particularmente importante. Os pesquisadores – ou os novos amigos, como dizem – acabaram por ingressar nesta nova rede de contatos com o mundo dos projetos que eles começam a tecer.

Novos conceitos, tais como “projeto de desenvolvimento autossustentável”, ainda pouco “traduzíveis” tanto entre os jovens assalariados, quanto entre as lideranças tradicionais, não é uma realidade homogênea entre o povo Ye'kuana, na Venezuela, onde existem várias associações e projetos em andamento, tanto por parte de ações de missionários, como de organizações indígenas dos Ye'kuana. No Brasil, as relações com os Ye'kuana na Venezuela segue a lógica do parentesco, da procura por pajés e da proximidade geográfica. Mas há também uma interferência das políticas públicas dos dois países. Após a melhora nos serviços prestados na saúde indígena no Brasil, as comunidades próximas da fronteira passaram a procurar mais o apoio da comunidade no Brasil. Nos últimos dois anos, os professores de Auaris foram convidados para encontros sobre educação Ye'kuana, patrocinado pelo Ministério da Educação da Venezuela. A política de criação de parques nacionais com a presença de populações indígenas também registra uma diferença entre os dois países. O processo pela demarcação e o reconhecimento legal de um território indígena é recente na Venezuela. Lá os Ye'kuana e suas associações assumiram um papel de destaque na defesa e conquista de um território tradicional Ye'kuana.

Para os Ye'kuana, pequenos projetos deveriam formar os professores e as lideranças mais jovens a entenderem como funcionam os projetos. Este era o discurso das lideranças mais velhas na realização do projeto apoiado pela The Nature Conservancy (TNC), para a realização de oficinas de confecção de mapas onde os mais velhos, juntamente com professores e alunos, desenhariam um pouco de sua história na região. O mesmo discurso se repetiu durante a realização do Projeto Tanöökö, na área de valorização cultural, apoiado pelo Projetos Demonstrativos dos Povos Indígenas (PDPI), instituição vinculada ao Ministério do Meio Ambiente.

Os Ye'kuana, até o momento, não realizaram projetos capazes de gerar renda e de engajar os jovens que ainda esperam poder participar do mercado

de trabalho formal. O mercado de projetos ainda não penetrou na economia material dos Ye'kuana. Esta depende mais dos assalariados e da economia tradicional e familiar. O mundo dos projetos é, para os Ye'kuana, uma rede a mais que desejam aprender para então tecê-la com as próprias mãos.

Ao acompanhar a construção de suas redes de contato, muito ligada, como já dissemos, aos contatos individuais, uma das barreiras a ser enfrentada por eles é a de se pensar em projetos comunitários. Não que a sua economia não possua atividades comunitárias, há claramente o sentido e o momento para estas atividades comunitárias, mas em seguida, seja a roça, seja a casa (produzidos com o trabalho comunitários) são reapropriados pela economia familiar. É nesta esfera mais privada que a economia acontece. Os projetos comunitários exigem outra dinâmica, outras tarefas e responsabilidades. Este será um dos desafios.

### *Caiu na rede é peixe...*

Os Ye'kuana também continuam enfrentando problemas internos relacionados ao garimpo em Terra Indígena, assim como pressões dos órgãos federais para abandonarem as relações com os garimpeiros. Não se sabe ao certo o quanto são pressionados no espaço urbano por pessoas interessadas em seu apoio para ingressarem em suas terras, como ocorreu no auge do garimpo em Roraima.<sup>26</sup> Esta aliança tem se mostrado danosa à sua imagem e estará na pauta nesta fase de aproximação com as organizações indígenas. Mesmo que a relação com o garimpo não tenha o apoio de todos, ela não deixa de ser uma fonte de renda para os Ye'kuana de Waikás e deverá concorrer com outras alternativas que eles poderão ou não buscar.

Em janeiro de 2007, Luis Vicente Castro foi brutalmente assassinado com um tiro disparado por garimpeiros que invadiram a Terra Indígena Yanomami (TIY). Seu filho Ronildo, de 15 anos, também foi ferido a bala. Por ironia do destino, a cena é um *remaqe*. Em 1990, garimpeiros assassinaram Lourenço Ye'kuana e um de seus filhos, na porta de casa, em Olomai (TIY). Hoje, se todos estivessem vivos, Lourenço seria chamado de pai por Luis. Infelizmente a tragédia repetiu-se. O filho de Luis sobreviveu, é testemunha importante no caso, e há, importante frisar, um acompanhamento mais decisivo da Polícia Federal e do Ministério Público Estadual e Federal no caso.

O garimpo precisa de uma logística, de relações entre aqueles que entram apenas com sua força de trabalho e dependem dos que compram os minérios,

---

26 A. R. Ramos, "Auaris revisitado", *Série Antropológica*, n. 117, Brasília, UnB, 1991.



mesmo sabendo que a origem é ilegal; outros dependem dos proprietários dos maquinários, na floresta, todos dependem dos mantimentos, alguém precisa comprar e alguém levar os víveres até os garimpos, mas a cadeia não para aqui, tantos outros compõem a longa lista de agentes nesta circulação dos minérios de fontes ilegais.

Claro que os garimpeiros contam com apoio externo para agirem na TTY, mas é muito mais fácil apontar as suas alianças com indígenas e buscar justificar estas tragédias por uma “escolha” errada dos próprios indígenas.

Três homens armados chegaram às 6 horas da manhã, disseram bom-dia e atiraram no pai e depois no filho desarmados. Ao se apresentarem as autoridades, alegaram legítima defesa. Presos, são acusados por homicídio doloso, premeditado e ocultação de cadáver. Irão a júri popular. Mas o que permite que a defesa dos réus alegue a legítima defesa? Não são os fatos, são os valores. O valor que um homem branco vale mais, um homem indígena vale menos, que os valores e princípios dos brancos – sejam eles monetários ou verbais – não podem ser questionados por homens não brancos. O pai de Ronildo não aceitou levá-los onde queriam, pretendiam reativar um antigo garimpo e uma pista conhecida como Mucuím. Levaram os seus maquinários rio acima mas Luis não aceitou acompanhá-los, havia um acordo entre as lideranças indígenas Ye'kuana para não levarem mais garimpeiros para a região.

Pelo cálculo dos indígenas, o maquinário que levavam vale entre R\$ 30 e 40 mil. Luis sequer conhecia os garimpeiros, manteve contato apenas com o piloto de avião conhecido como Joaquim, intermediário na operação.<sup>27</sup> Os garimpeiros que saíram das terras Ye'kuana, foram acobertados durante a investigação da Polícia Federal, nas proximidades da boca do Arame e no Pare-dão, para depois serem orientados a se entregarem com a contratação de um advogado, alegando legítima defesa. Neste contexto, surge a tese fundada em relações racistas, único argumento da defesa neste crime: o preconceito e o racismo contra os povos indígenas, historicamente considerados por nossa sociedade como subalternos e inferiores. A força da acusação – além dos fatos, da robustez da testemunha que sobreviveu ao crime e das leis – é o olhar crítico de importante parcela de nossa sociedade, bem como de outras sociedades mundo afora contra as injustiças sociais e o racismo. Portanto, este crime não deveria ser considerado apenas hediondo por tirar uma vida de forma brutal mas por estar contaminado pelo racismo.

Infelizmente, o estado de Roraima tem uma tradição de impunidade aos crimes contra as populações indígenas. Os garimpeiros foram mesmo home-

---

27 Cf. *Folha de Boa Vista*, 27 e 28 jan 2009.

nageados na sua principal praça, a Praça do Garimpeiro – símbolo erigido por autoridades e elites locais muito mais em confronto aos direitos indígenas, especialmente aos seus direitos territoriais, do que em favor de uma política efetiva pró-garimpeiros. Estes continuam vivendo, na maioria das vezes, de forma miserável, nas periferias de Boa Vista, obedecendo não se sabe a quem... possivelmente àqueles que financiam suas atividades ilegais. A manutenção de garimpeiros na TI é um mecanismo não apenas lucrativo do ponto de vista econômico, mesmo se para o benefício de poucos, mas é politicamente eficaz na manutenção de relações de dominação das populações indígenas em seu próprio território. Uma perversidade que deve ser denunciada.

Além do assassinado de Lourenço, em 1990, em 1993 ocorreu o massacre de Haximu. Em 2004 um servidor da Funai, Valdez Marinho Lima, indígena Xerente, também foi assassinado. Crimes todos eles cometidos na TIY por garimpeiros. De lá para cá inúmeras denúncias dos indígenas Yanomami e Ye'kuana são registradas nas atas de inúmeras reuniões... Enquanto as autoridades não agirem, o que vale é o conhecimentos dos garimpeiros sobre os antigos pontos de atividade de extração de minério do Mucuim, que os assassinos de Luis Ye'kuana e de tantos outros desejam reativar.<sup>28</sup>

Este tema constará definitivamente da pauta da relação entre os Ye'kuana e a Associação Yanomami Hutukara e do Programa Pró-Yanomami, hoje coordenado pelo ISA, todos empenhados no combate às invasões de garimpeiros na TIY.

Estes atores poderão intervir e influenciar nas diferentes posições internas entre famílias que possuem relações externas com garimpeiros e aquelas que não possuem. As pressões para o exercício da atividade de garimpo na TI pode vir de pessoas conhecidas em diferentes relações, vão desde ex-garimpeiros até ex-funcionários na área de saúde que os indígenas conheceram na própria aldeia ou na cidade de Boa Vista. O garimpo feito pelos próprios indígenas alimenta a rede estabelecida com compradores dos minérios e demais comerciantes da capital. Na prática, ela ainda concorre com outras alternativas apresentadas aos jovens estudantes, seja na participação de projetos, seja na procura de novas profissões.

---

28 “Um grau maior de conhecimento sobre o subsolo do estado está, no momento, retido nas mentes dos garimpeiros, mais do que em quaisquer documentos publicados”. G. MacMillan, *At the end of the Rainbow? Gold, land and people in the Brazilian Amazon*, Nova York, Columbia University Press, 1995.

### *Entre a invisibilidade e a visibilidade*

Abordaremos, por fim, a questão da mobilidades espacial dos Ye'kuana e de sua pouca visibilidade junto ao Estado, ou melhor seu distanciamento em relação às políticas públicas. Disto decorre uma série de incompreensões e problemas na aplicação de políticas públicas na área de saúde e educação. Dentro do processo de democratização do Estado brasileiro, o diálogo com os movimentos sociais passa por suas organizações representativas. No caso dos Ye'kuana – que não se engajaram neste modelo de organização –, sua visibilidade na aplicação de políticas diferenciadas junto aos povos indígenas traz sérios limites. Os programas na área de saúde não têm considerado sua diferenciação cultural, linguística no conjunto das aplicações pensadas e programadas por profissionais com experiência junto ao povo Yanomami. A maioria dos documentos oficiais produzidos por estes órgãos não registram a presença de um povo diferenciado vivendo na TIY.

O mesmo acontece em relação às políticas de proteção ambiental, como é o caso da Estação Ecológica de Maracá, que nunca considerou a presença móvel dos Ye'kuana na região. Embora existam programas visando a um trabalho com a população indígena do entorno da estação, os Ye'kuana continuam usufruindo daquele espaço sem grandes problemas, já que não se enquadram na classificação do entorno. O recente assassinado do indígena Ye'kuana aconteceu nas proximidades da ilha de Maracá.

Na área da saúde, os Ye'kuana ocupam hoje um espaço institucional de representação, especialmente entre os conselheiros indígenas na gestão do Distrito Sanitário Especial de Saúde Indígena Yanomami. Trata-se de uma representação, pois são as lideranças de Auaris que indicam seu conselheiro. A consequência mais visível deste fato é o registro na documentação oficial do distrito sanitário da presença Ye'kuana na TIY. Este parece ser um indicador da importância da visibilidade nos programas de aplicação de políticas públicas junto a estas populações. No caso da saúde, foi possível uma representação não vinculada a outra organização que não fosse a deles próprios, através do programa de conselhos locais, distribuídos em diferentes regiões dentro da TIY.

### *Considerações finais*

As considerações que apresentamos ao longo deste artigo chamam a atenção para o fato de os espaços urbanos não estarem separados ou em simples oposição a outros espaços, sejam estes as aldeias, as florestas, as TIs ou as cidades. Do mesmo modo, hoje o acesso ao mundo dos projetos é múltiplo: pode ser facilitado por organizações indígenas, pelo apoio de uma ONG, ou

ainda por antropólogos em trabalhos de campo. Porém, como tentamos mostrar, isso não é “novidade”: já acontecia desta forma na época das novas oportunidades de trabalho aqui relatadas. Mesmo não tendo um engajamento nas organizações do movimento indígena, os Ye’kuana conseguiram engajar-se nos canais de formação e assim ingressaram no mercado de trabalho.

Os Sanumá, vizinhos dos Ye’kuana, que não contavam com a mesma articulação com o espaço urbano, contam com assessoria na área de educação e outros projetos, graças ao apoio e à ação da CCPY, programa hoje coordenado pelo ISA. Esta dinâmica também leva esta população ao mundo dos projetos e às novas redes sociais. As intervenções, mobilizações e apoio junto às populações indígenas, grosso modo, seguem articulações bastante diferenciadas, podendo ocorrer a partir de iniciativas individuais junto a uma aldeia, como de uma organização que conta com importantes articulações e redes de apoio aos povos indígenas ou ainda de organizações de representação indígena. Ela pode ser mais ou menos engajada no movimento social das populações indígenas.

É importante registrar que a invisibilidade Ye’kuana vis-à-vis das organizações indígenas começa a mudar nos espaços criados por políticas públicas, como foi o caso do Conselho Distrital de Saúde, onde eles produziram resultados até certo ponto inesperados. Nos últimos anos, os documentos produzidos pelo Distrito Sanitário já começavam a registrar os nomes dos Ye’kuana em suas resoluções: graças à sua participação nestes fóruns, impôs-se uma mudança. Mesmo que ainda enfrentem problemas por não terem um serviço de saúde especificamente voltado à sua realidade, como o acesso aos programas específicos sobre DST-Aids, ou às políticas que valorizam as parteiras tradicionais indígenas, temas que poderiam ser prioridades em suas aldeias ou junto aos estudantes na cidade.

Apesar destas dificuldades, os Ye’kuana conseguiram um lugar de destaque neste conselho e uma aproximação junto à Hutukara Associação Yanomami (HAY). Isso contribui para a ocupação de um espaço na articulação desta associação junto às autoridades locais e em Brasília, seja na defesa de direitos ligados a saúde, seja na gestão de seu território. O que chama a atenção é a multiplicidade dos espaços que buscam: mesmo com a criação formal de uma associação Ye’kuana, que conta, desde janeiro de 2008, com inscrição no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), eles continuam ocupando outros espaços. O mesmo acontece com os alunos da universidade, que tentam mandar seus filhos e parentes para o ensino médio em aldeias Macuxi, ou ainda no Centro Indígena de Formação Raposa Serra do Sol, em Surumu. Como dissemos ao longo do artigo, esta sempre foi uma estratégia Ye’kuana: diversidade de contatos e manutenção de diferentes redes de contatos.

Se, por um lado, estes engajamentos possibilitam maior visibilidade, por outro, a presença Ye'kuana na cidade incentivou as visitas de familiares durante seus períodos de permanência na cidade. A experiência na universidade, entre outras coisas, colocou para os Ye'kuana o limite do recurso de moradia em Boa Vista: a casa de apoio ficou pequena. Alguns professores alugaram casas no período de permanência na cidade, o que abriu novas possibilidades de locais de apoio para seus familiares. Muitos cogitam comprar casas ou terrenos nos arredores de Boa Vista. Duas famílias possuem casa própria na cidade, adquiridas nos anos 1990, no auge do garimpo: na época da aquisição, os proprietários também tinham um trabalho remunerado. O gerenciamento destas casas urbanas exige a permanência de alguém na cidade, pois, em geral, como dissemos, os assalariados estão nas aldeias e não na cidade.

A visibilidade dos Ye'kuana junto às organizações indígenas, também foi favorecida com o ingresso dos professores na universidade. As principais organizações indígenas e alguns órgãos federais e estaduais acompanham as diferentes etapas do curso, ora como gestores, ora como alunos. Fizeram, como dizem, “novos amigos” e se aproximaram de canais até então pouco acessíveis, dentre os quais os canais de informação sobre as agências fomentadoras de projetos.

A partir destes exemplos, procuramos problematizar a separação estanque entre espaços urbanos e tradicionais apontando as dinâmicas que as populações recriam. O mundo dos projetos é uma nova possibilidade que será inserida nestas redes. A presença das ONGs e o movimento social indígena cada vez mais presente em seu território e nos espaços abertos pelas novas políticas públicas apresentam novos aliados e uma nova rede para os Ye'kuana. Esta dinâmica caminha nos dois lados das fronteiras nacionais, a dinâmica de novos projetos e parcerias também está colocada na Venezuela e irá contribuir para novos arranjos nas dinâmicas sociais destes grupos.

